

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP (IBRAM)

CLASS. : 244

DATA : 12.6.84

PG. : _____

42. SERRA PELADA - "GARIMPEIROS COMEMORAM A VITÓRIA EM SERRA PELADA"

MEMÉLIA MOREIRA
Enviada especial a Serra Pelada

Foi uma explosão de alegria. As 16h30 da tarde de ontem, quando o deputado Sebastião Curió (PDS-PA) recebeu telefonema do general Mário César, comandante da Brigada Militar de Marabá, anunciando a sanção da lei pelo presidente Figueiredo, Serra Pelada ouviu os gritos dos três mil homens que durante mais de duras horas permaneceram no silêncio hostil diante da sede do Departamento Nacional de Produção Mineral-DNPM. "Serra Pelada é nossa", gritavam os garimpeiros, abraçando-se e chorando.

Curió, que vivera horas de tensão, também chorou e foi carregado pela rua principal do garimpo de Serra Pelada. Os garimpeiros não acreditavam ainda, queriam a palavra do deputado, chamaram-no ao palanque. Curió não pôde atendê-los. Um novo telefonema de Brasília dizia que a lei não fora sancionada. Desta vez era o líder do PDS, deputado Nelson Marchezan, com quem Curió conversou três vezes pelo telefone, entre meio-dia e quatro horas da tarde. O deputado Curió ficou novamente nervoso com o telefonema.

"Não pode ser. Acabei de receber comunicação de um assessor do Ministro do Exército. Não sancionou? O que? (gritava sem entender as palavras de Marchezan), mas os garimpeiros já estão comemorando. Estão soltando foguetes. É impossível, eu já disse que não consigo mais segurar esses homens", dizia angustiado o deputado Curió, numa ligação telefônica cheia de interferências.

Fora da sede do DNPM, os garimpeiros, esquecidos das tensões vividas nos últimos cinco dias, soltavam rojões e davam vivas à Serra Pelada. Corriam para receber os companheiros que chegavam, homens que querem começar a trabalhar o mais rápido possível. O garimpo fechou em novembro, deveria reabrir no dia 21 de abril, mas estava proibido, enquanto se discutia sua liberação. Qualquer notícia desmentindo o telefonema do general Mário César transformaria Serra Pelada num campo de batalha. A revolta seria contra o deputado Curió, que estava cercado por seus homens de confiança, mas apreensivo com a reação dos garimpeiros.

Nesse momento o sistema de rádio começou a funcionar com uma mensagem do ministro Danilo Venturini, do Conselho de Segurança Nacional. A mensagem informava que o presidente sancionaria a lei daí a alguns minutos, com vetos, o principal deles referindo-se à cooperativa dos garimpeiros. O deputado ainda protestou, mas naquele momento tanto ele como o "alto comando de Serra

Pelada" (Curió e mais seis garimpeiros) respiraram aliviados.

Negociações

A assinatura da sanção ocorreu depois de dezenas de telefonemas do deputado Curió. Em todas as ligações, quando falou com dona Lourdirina, secretária do ministro chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, com os líderes do PDS na Câmara, Nelson Marchezan, e no Senado, Aloisio Chaves, Curió repetia a mesma frase: "aqui está um sufoco. Eu não seguro mais estes homens. Isso aqui é um barril de pólvora".

Até aí, o deputado aparentava preocupação, mas ainda não estava tenso. Seu nervosismo manifestou-se após a conversa telefônica com o general Iris, do Centro de Informações do Exército (Ciex) em Brasília. "Tenho certeza de que, se o presidente não assinar, o Sul do Pará incendia. Se o senhor puder dar força através do ministro Válder Pires seria bom, porque isso aqui é um barril de pólvora, um imenso barril de pólvora. A tensão é muito grande. Eu não tenho condições de segurar mais. A partir das 6 da tarde foge ao meu controle".

Ele não estava exagerando. Fora das dependências do DNPM, os garimpeiros permaneciam em silêncio, mas a cada hora mais agressivos, começando a ameaçar prender os jornalistas como reféns. Curió conversa com agentes da Polícia Federal numa sala fechada e aconselha os jornalistas a não permanecerem dentro das construções de madeira, pois todos corriam o risco de ser presos pelos incêndios que por certo viriam.

Enquanto isso, o helicóptero da Docego, subsidiária da Vale do Rio Doce, sobrevoava Serra Pelada, irritando mais ainda os garimpeiros que queriam derrubar o aparelho. Curió telefonou para Marabá pedindo ao general César que interferisse junto à Vale do Rio Doce para que o helicóptero não mais sobrevoasse, evitando provocações. O pedido foi atendido, mas às 17 horas, lá estava ele novamente. Mas nessa hora, os garimpeiros comemoravam a grande vitória.

Antes de toda essa tensão, os garimpeiros viveram momentos de descontração. Pela manhã, antes da hora do almoço, o deputado Curió, cercado pelos exploradores do ouro, ouvia repentes criados por Chico Cabeleira e Repeteco do Forró. Uma sanjofo alegrava a sala da coordenação do DNPM. Cabeleira, uma das poucas distrações desses homens que confundem suas cores com a cor do barro da Serra Pelada, cantava:

"Figueiredo, Figueiredo, nós estamos por aqui, esperando a Serra abrir. Estamos esperando a assinatura da sanção. O garimpeiro é ordeiro cidadão, mas também entra na guerra depende da ocasião".

Refrigerantes e cafezinhos foram servidos à imprensa, enquanto o deputado Curió gravava os repentes. Quatro caminhões com cerca de 60 homens cada um, despejava mais homens no garimpo. Era a turma que havia passado o fim de semana fora de Serra Pelada, em visita à família. O clima era de excitação e festa.

No final do almoço, surge o primeiro problema: um grudo de 300 garimpeiros, com ouro na mão e ameaçando não esperar o final da trégua, queria vender a sua produção mas a agência da Caixa Econômica Federal fechada. Os funcionários foram embora de Serra Pelada na última sexta-feira, temendo enfrentar a onda de violências que se anunciava. Esfomeados, muitos deles carregavam em suas mãos o suficiente para pagar jantares nos restaurantes mais sofisticados do mundo e, entretanto, não tinham nenhum tostão para pagar um PF que custa Cr\$ 3.500 aqui em Serra Pelada.

"Temos ouro e não temos comida", gritavam os garimpeiros. No palanque, Curió tentava acalmar os homens perguntando: "quem é maranhense aqui?" Metade dos braços se levantaram. "Quem tem ouro?" Todos os braços se levantaram. "Quem está com fome?" Todos responderam aos gritos "eu, eu, eu".

Curió mandou abrir o armazém da Cobal para distribuir enlatados e biscoitos. Em fila, tensos, os garimpeiros brigavam entre si. Um jovem chegou a dar mordida no rosto de um de seus companheiros por não aceitar os biscoitos. Foi nessa hora que o geólogo Otavio Blanco decidiu se comunicar com o DNPM pedindo para liberar os garimpeiros a vender o ouro em Marabá. A ordem foi dada, mas Blanco preferiu anunciá-la às 6 da tarde, após a notícia da sanção.

A festa continuou na noite de ontem em Serra Pelada e nos bordéis de Parauapebas. Hoje as máquinas entram no garimpo para fazer os trabalhos e rebaixamento. Na frente dos tratores vai o deputado Curió. Ele dormiu em Serra Pelada para esperar os tratores. E sua previsão é a de que hoje chegarão ao garimpo mais de 10 mil homens e dentro de 45 dias, Serra Pelada, já liberada, terá 200 mil homens que poderão explorar o ouro sem preocupações. A nova briga só daqui a 3 anos.